

O papel da andaimagem na (co)construção de sentidos dos enunciados com marca de plural nominal na aquisição do PB

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i3.3770>

Rosângela Nogarini Hilário¹

Resumo

Neste trabalho, discutimos as contribuições da andaimagem para a (co)construção de sentidos dos enunciados com marca de plural nominal, considerando a interação entre adulto e criança no contexto da aquisição do português do Brasil. Fundamentamo-nos em uma abordagem dialógico-discursiva, de base interacionista, partindo do conceito de andaimagem proposto por Bruner (2011) e por De Weck e Salazar Orvig (2019). A partir de um paradigma indiciário (Ginzburg, 2003 [1986]), analisamos dados naturalísticos e longitudinais (M. 2;01-2;11 e A. 1;11-2;09), considerando os enunciados da criança com marca de plural nominal ou elementos de apoio, identificando os enunciados andaimantes da mãe. Os resultados mostram que eles desencadeiam a negociação de sentidos para esses enunciados da criança, com a presença de reformulações tanto na fala da criança quanto na produção do adulto.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; plural nominal; andaimagem.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil; rn.hilario@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-8515-5666>

Le rôle de l'étayage dans la (co)construction du sens des énoncés avec marquage du pluriel nominal dans l'acquisition du portugais brésilien

Résumé

Dans cet article, nous discutons des contributions de l'étayage à la (co)construction du sens dans des énoncés avec une marque nominale du pluriel, en considérant l'interaction entre l'adulte et l'enfant dans le contexte de l'acquisition du portugais brésilien. Nous adoptons une approche dialogique-discursive, interactionniste, à partir du concept d'étayage proposé par Bruner (2011) et De Weck et Salazar Orvig (2019). Nous nous appuyons sur le paradigme indiciaire (Ginzburg, 2003 [1986]) pour analyser des données naturalistes et longitudinales (M. 2;01-2;11 et A. 1;11-2;09), en considérant les énoncés de l'enfant avec une marque nominale du pluriel ou des éléments d'appui, en identifiant les énoncés étayants de la mère. Les résultats montrent qu'ils déclenchent la négociation du sens pour les énoncés de l'enfant, avec la présence de reformulations aussi bien dans le discours de l'enfant que dans la production de l'adulte.

Mots-clés: acquisition du langage ; pluriel nominal ; étayage.

Introdução

Neste trabalho, discutimos o papel da andaimagem na (co)construção de sentidos dos enunciados com marca de plural nominal na interação entre mãe e criança em contexto de aquisição do português do Brasil (PB). Nossas reflexões partem de uma perspectiva dialógico-discursiva (Bakhtin, 2006; Volóchinov, 2017; Del Ré; Hilário; Vieira, 2021; entre outros), pois consideramos que a entrada da criança na língua/linguagem se dá *na* e *pela* interação com o outro, sendo, portanto, necessário considerar a aquisição dos aspectos formais (fonológicos e morfossintáticos) em relação às funções e usos da linguagem manifestos no diálogo. Baseamo-nos, ainda, no conceito de andaimagem proposto por Bruner (2011), que diz respeito aos meios pelos quais um adulto auxilia a criança a resolver problemas, concluir tarefas ou alcançar objetivos que, sem esse auxílio, estariam além de suas capacidades, considerando, mais especificamente, as distinções propostas por De Weck e Salazar Orvig (2019) entre a *andaimagem de tarefa* e a *andaimagem linguística*.

Os dados analisados fazem parte do Banco de Dados do grupo NALíngua-CNPq (Del Ré; Hilário; Rodrigues, 2016; Hilário; Moreira; Vieira, 2024) e foram coletados longitudinalmente, em ambiente naturalístico. Os registros em vídeo compreendem as produções de duas crianças brasileiras (M. 2;01 a 2;11 anos, e A., 1;11 a 2;09), em interação com a mãe durante situações cotidianas (banho, refeição, leitura compartilhada, brincadeiras etc.). Trata-se de uma análise qualitativa, a partir de um paradigma indiciário (Ginzburg (2003 [1986]), e foram submetidas à análise todas as sequências (enunciados da criança e

da mãe) que apresentassem i) enunciados da criança com sintagmas nominais com marca morfológica de plural, elementos de apoio (como “outro”. por exemplo) ou outros elementos que remetessem à ideia de pluralidade (como numerais ou repetições do tipo “esse, esse, esse”) e ii) enunciados da mãe, anteriores ou posteriores aos da criança, que pudessem ser categorizados como andaimagem linguística ou de tarefa, conforme De Weck e Salazar Orvig (2019). A relevância em analisar o papel da andaimagem na produção de plural nominal no período de aquisição se dá por diversos fatores. O primeiro deles é o fato de que produzir um morfema de plural é, também, negociar referentes na produção discursiva, o que, frequentemente, leva os parceiros comunicativos a questionarem, justificarem ou reformularem o que dizem, buscando ajustamentos nessa produção. Além disso, estudos anteriores mostraram que a produção da criança brasileira, no período de aquisição, apresenta um número considerável de sintagmas nominais plurais que podem causar estranhamento, especialmente por serem considerados agramaticais (com marca morfológica de plural apenas no último elemento do sintagma, como “a meninas”, por exemplo), como discutido em Hilário (2013, entre outros). Assim, buscamos responder às seguintes questões: essas produções da criança realmente causam estranhamento no interlocutor adulto? Se sim, esse estranhamento daria lugar a propostas de andaimagem do adulto para adequação da produção linguística da criança? De que tipo? Para além desses enunciados que podem causar estranhamento no adulto, haveria ainda outras propostas de andaimagem do adulto para a negociação do referente no caso do uso da marca de plural? De que forma elas colaboram para a (co)construção do sentido de plural?

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte, apresentamos a perspectiva teórica à qual nos filiamos e os conceitos de andaimagem segundo Bruner (2011) e De Weck e Salazar Orvig (2019); na segunda parte, apresentamos um breve panorama dos estudos sobre a aquisição do plural nominal no PB e os resultados de nossas pesquisas anteriores sobre a aquisição do plural nominal por crianças brasileiras e portuguesas (Hilário, 2013, 2020a; Hilário; Del Ré, 2023, entre outros) e contextualizamos o presente estudo; na terceira parte, justificamos as escolhas metodológicas e apresentamos o *corpus*; na quarta parte, apresentamos as análises e discussões e, por fim, as considerações finais.

Sobre o conceito de andaimagem

É certo que a noção de andaimagem se inscreve em uma abordagem interacionista da aquisição da linguagem. No entanto, falar em interação não significa, forçosamente, falar em andaimagem. Esse conceito, muito mobilizado nas discussões sobre aquisição e ensino de língua (materna e não materna), foi proposto por Bruner (2011) a partir de outro conceito essencial para os estudos aquisicionistas: o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), proposto por Vygotsky (2007). Começaremos por ele.

Segundo o autor, a ZDP

[...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através de solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 2007, p. 97).

Para Vygotsky, a criança é um sujeito ativo na construção de seu conhecimento linguageiro e de mundo e seu desenvolvimento se dá a partir da interação com o outro (mãe, pai etc.). Essa interação é caracterizada por ajustamentos do adulto em relação à criança, tendo em vista ajudá-la a realizar tarefas que não conseguiria sozinha, sejam tarefas relacionadas ao “fazer”, como pegar um objeto que está em lugar demasiadamente alto, locomover-se dando passinhos de um lugar a outro, montar um jogo de encaixes etc., sejam tarefas relacionadas ao “dizer”, como nomear um objeto, narrar uma história ou produzir adequadamente uma palavra. Para isso, é preciso que o adulto identifique aquilo que a criança já consegue fazer sozinha (as ações inscritas em sua Zona de Desenvolvimento Real) e o que ela ainda não é capaz de fazer por si só, mas é capaz de fazer mediante o auxílio de alguém mais experiente (ações inscritas em sua Zona de Desenvolvimento Potencial). É nesse espaço psicológico (entre o real e o potencial) que, segundo Vygotsky, o adulto atua, no que o autor nomeia como Zona de Desenvolvimento Proximal. Esse conceito foi recuperado por Bruner e colaboradores ao descrever o processo de tutela exercido pelo adulto na interação com a criança. O *tutorial process* é definido pelos autores como “os meios pelos quais um adulto ou “especialista” ajuda alguém que é menos adulto ou menos especialista” (Wood, Bruner, Ross, 1976, p. 89).

Para exemplificar a ação de um tutor, Bruner recorreu à metáfora do “andaime” (*scaffolding*), um suporte temporário, retirado completamente à medida que a criança desenvolve conhecimentos e habilidades que a tornam capaz de agir de forma autônoma e independente. Os processos de andaimagem permitem que a criança (ou um aprendiz) resolva um problema, realize uma tarefa ou atinja um objetivo que estaria além de seus esforços sem assistência. Esse “andaime” consiste essencialmente no adulto “regulando” os elementos da tarefa que estão inicialmente além da capacidade da criança (ou do aprendiz), dividindo-a em partes, exemplificando-a, ressaltando aquilo que deve ser alvo de atenção especial etc., permitindo que a criança se concentre apenas nos elementos que estão dentro de sua competência. A tarefa, assim, avança para uma conclusão bem-sucedida.

De Weck e Salazar Orvig (2019) debruçaram-se sobre *corpora* longitudinais e naturalísticos para identificar as diferentes facetas da andaimagem de um ponto de vista tanto teórico quanto operacional, categorizando os enunciados andaimantes dos adultos na interação com as crianças em situações cotidianas. Para as autoras, o desafio, do ponto de vista

metodológico, é distinguir entre os enunciados que são andaimantes e os que não o são, já que a andaimagem pressupõe a interação, mas a interação não se reduz à andaimagem. Também é necessário diferenciar os tipos de andaimagem, pois é possível oferecer suporte para a realização de uma tarefa, para a produção de um discurso, para a pronúncia adequada de uma palavra, para a reformulação de um enunciado etc. Nesse sentido, as autoras caracterizaram dois tipos de andaimagem: a andaimagem da tarefa, que diz respeito à gestão da realização da atividade e do uso da língua na tarefa (orientação, regulação da atividade, reações às produções da criança e comportamentos reflexivos do adulto), e a andaimagem linguística, que tem como foco as formas da língua nas produções da criança, tendo em vista um aprimoramento de seus enunciados (reformulações, solicitações de denominação, propostas de denominação, exemplos, solicitações de esclarecimento e definições). Para além dessas categorizações, as autoras observaram as reações das crianças a esses enunciados, discutindo, assim, o efeito desses dois tipos de andaimagem na produção discursiva

Para as autoras, a andaimagem não deve ser vista como uma atividade homogênea. Pelo contrário, ela está sujeita a variações significativas, especialmente porque não se trata de um fenômeno unidirecional: os enunciados andaimantes das mães podem se diferenciar dos dos pais; a andaimagem oferecida a crianças com desenvolvimento atípico se distingue do suporte oferecido a crianças com desenvolvimento típico etc. O trabalho de De Weck e Salazar Orvig (2019) aponta, ainda, a necessidade de se considerar a andaimagem em relação ao tipo de atividade, observando a reação da criança às intervenções do adulto (esperada, não esperada, enunciados como “não sei”...). Para isso, é importante levar em conta se há espaço discursivo, deixado pelo adulto, para que a criança reaja.

Como se pode notar, a andaimagem pressupõe uma assimetria entre os interlocutores e, em geral, espera-se que os enunciados andaimantes produzam um movimento na criança (em suas ações, em sua produção linguística). No entanto, podemos questionar: nos ajustamentos produzidos na interação entre adulto e criança, é possível observar movimentos também do adulto no curso da interação com a criança? Indagamos, aqui, não apenas a respeito da simplificação da tarefa ou das reformulações para os enunciados da criança, mas de ajustamentos feitos pelo adulto em seu próprio enunciado, indícios de uma escuta sensível na negociação de sentidos. Afinal, a andaimagem se distingue, epistemologicamente, das condutas de reforço inscritas em um quadro teórico *behaviorista*. Não se trata, portanto, de fornecer modelos para que a criança os siga, ou de apresentar reforços negativos ou positivos tendo em vista a extinção ou manutenção do que, neste quadro teórico, convencionou-se chamar de “comportamento verbal”. Um enunciado andaimante não tem como objetivo simplesmente “corrigir” a produção da criança, mas garantir que ela, ainda que com ajuda, seja capaz de produzir algo que não conseguiria sozinha. Isso pressupõe que o adulto interprete o que a criança quer ou pode produzir, mas não garante que essa interpretação seja apropriada. Aliás, não é incomum observar diálogos em que o adulto propõe algo, considerando saber o que a

criança deseja fazer ou falar, mas não tenha adesão da criança e se surpreenda com a sua resposta, tendo, assim, que reformular seu próprio enunciado.

Partindo dessas considerações, nosso objetivo é investigar o papel da andaimagem na (co)construção de sentidos dos enunciados com marca de plural nominal (ou elementos que carreguem consigo um sentido de pluralização no discurso), observando esses movimentos, deslocamentos, negociações, que incluem não apenas os enunciados andaimantes do adulto, mas o “ir e vir” na produção do adulto e da criança, buscando “coincidir” referentes, isto é, objetos de discurso sobre os quais se enuncia. Para melhor contextualizar o que buscamos discutir, a seguir, fazemos breves considerações sobre a aquisição do plural nominal, especialmente em PB, apresentando alguns dos estudos até então desenvolvidos sobre o tema.

A morfologia “fora do lugar” e a negociação de sentidos dos enunciados com marca de plural nominal: questões sobre a aquisição do PB

As investigações sobre a aquisição do plural em português brasileiro (PB) (e também sobre o português europeu (PE)) – muitas delas propostas sob uma perspectiva gerativista – sugerem que o processo de aquisição da marca morfológica de número no PB envolve a identificação de propriedades fônicas relativas à presença/ausência do morfema no âmbito do DP e, uma vez reconhecidas estas propriedades, a informação relativa a número seria identificada como um morfema portador de um determinado valor semântico (Ferrari-Neto, 2010, entre outros). Também apontam que as crianças estão sensíveis à expressão gramatical de número tanto no PB (Ferrari-Neto; Corrêa; Augusto, 2005) quanto no PE (Castro; Ferrari-Neto, 2007; Castro, 2007), processando de forma distinta as construções gramaticais (Dplural+Nplural e Dplural+Nsingular) em comparação com as agramaticais² (Dsingular+Nplural). Quanto às construções “agramaticais”, estas foram observadas na fala espontânea da criança, registradas em coletas de dados naturalísticos, tanto em PB (Lopes, 2004; Simioni, 2007; Hilário, 2013; Reis, 2020) quanto em PE (Castro, 2010; Hilário, 2020a). Lopes (2004), por exemplo, sugere que as crianças passam por etapas bem definidas na aquisição do plural, e que as construções agramaticais seriam típicas de um primeiro estágio, mencionando a possibilidade de fatores fonológicos que não são aprofundados.

Um dado interessante surge dos experimentos de Ferrari-Neto (2003) e Castro e Ferrari-Neto (2007) sobre a concordância de plural em PB e PE. Com o objetivo de avaliar em que medida a criança é capaz de interpretar semanticamente informação relativa a número no DP fornecida apenas pela informação morfofonológica, os experimentos

² Nesses trabalhos, os conceitos de gramaticalidade e agramaticalidade são os assumidos pela teoria gerativa.

(que se valeram de figuras que representavam objetos e seres inventados, designados por pseudopalavras, em uma tarefa de identificação de imagens) foram realizados com crianças brasileiras com idade média de 25 meses e crianças portuguesas com idade média de 26 meses. No teste, uma variável independente foi inicialmente considerada: a expressão morfológica do número, nas condições gramatical padrão, como em “os dabos”; gramatical não padrão, como em “os dabo”; não gramatical sufixo, como em “o dabos”; não gramatical infixo, como em “o dasbo”. A forma gramatical do singular foi usada como controle. Os resultados mostram que o número de respostas no singular para a condição agramatical (“o dabos”) superou o de respostas no plural dadas pelas crianças (apenas 33,3% das respostas no PB e 24,44% das respostas no PE foram de identificação da condição agramatical como plural), confirmando a hipótese dos pesquisadores (esperava-se que as crianças processassem a condição agramatical como singular). Entretanto, nos parece interessante que dados naturalísticos e longitudinais de produção indiquem que essas construções ocorram, na produção espontânea da criança, em contextos de plural, inclusive com o gesto de apontar desempenhando um papel crucial na distinção entre singular e plural (Hilário; Romero, 2017; Hilário, 2020b). Essa conclusão foi um dos principais achados de nossa pesquisa de doutorado (Hilário, 2013), que buscou identificar os tipos de marcação de plural na produção oral de crianças brasileiras, além de investigar sua presença na fala de uma criança bilíngue (PB/FR), identificar os fatores linguísticos que influenciam essas produções e explorar as relações entre fatores linguísticos, discursivos e multimodais (tipo de discurso, contexto e gestos de apontar) na construção do sentido em enunciados com marca de plural. Em uma pesquisa posterior, de pós-doutorado (Hilário, 2020b), foram analisados também os dados (longitudinais e naturalísticos) de aquisição do PE considerando apenas a produção verbal, já que eles estavam disponíveis em áudio e não em vídeo. Os dois estudos desenvolveram-se com base em uma abordagem dialógico-discursiva. Com isso, foi possível levar em conta não apenas a produção da criança, mas o contexto em que os enunciados eram produzidos (as repetições ou retomadas, as situações e atividades em que os interlocutores estavam envolvidos etc.). Assim, as reflexões propostas por Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2006; Volóchinov, 2017, entre outros) a respeito da língua/linguagem nortearam as análises, bem como aquelas apresentadas por Bruner (Bruner, 1984, 2011; Wood; Bruner; Ross, 1976, entre outros) e Vygotsky (2007) no que se refere mais especificamente ao período de aquisição da linguagem, em uma possível aproximação entre os autores.

No que diz respeito ao PB (Hilário, 2013, entre outros), ao examinar a relação entre a fala da criança e a do adulto, observou-se que as primeiras produções de plural surgiam frequentemente em enunciados imediatamente posteriores aos do adulto. Os primeiros sintagmas nominais compostos por mais de um elemento (por exemplo, D+N) apresentavam marca de plural apenas ao final do sintagma, recorrentemente (por exemplo, Dsingular+Nplural), mesmo que essa construção não fosse utilizada pelo adulto. Além dos artigos serem alvo do apagamento do morfema {-s} nesses sintagmas, os numerais que acompanhavam nomes no plural também tinham a fricativa apagada (como em “doi(s) anos”, “dua(s) meninas” etc.). Um dado interessante é que por volta dos

2;7 anos, quando a fricativa já era enfim produzida da forma esperada nos contextos de coda silábica interna, os sintagmas nominais plurais continuavam, no entanto, a aparecer em construções do tipo Dsingular+Nplural (como no enunciado “o meninos também correr”, produzido por A.).

Assim, nos dados que analisamos em PB, constatamos a ocorrência não de dois, mas de três tipos de marcação de plural (concordância/não concordância) na fala da criança no período de aquisição: i) a marcação “padrão”, com sintagmas do tipo Dplural+Nplural, por exemplo; ii) a marcação “não padrão”, com sintagmas do tipo Dplural+Nsingular, por exemplo (estas duas primeiras também presentes na produção do adulto); e iii) uma produção que apresentava a inserção da marca de plural apenas no último elemento do sintagma (ou elemento mais à direita), com construções do tipo Dsingular+Nplural, por exemplo (produção não observada na fala do adulto nesses dados e em PB, em geral).

Embora esses achados sejam muito interessantes para caracterizar a produção da criança nesse período específico de aquisição da linguagem, eles não são suficientes para explicar o processo de aquisição e, mais especificamente, o que convencionou-se chamar de “aquisição morfológica”. Afinal, como dissemos anteriormente, para nós, em uma perspectiva dialógico-discursiva, para compreender a complexidade envolvida na entrada da criança na linguagem, é necessário considerar a aquisição dos aspectos formais em relação às funções e usos da linguagem. Não se trata, portanto, de “adquirir linguagem”, mas de produzir sentidos na e pela linguagem, em interação com o outro, utilizando os recursos linguístico-discursivos disponíveis. Trata-se de (co)construir sentidos na corrente comunicativa da qual todos fazemos parte, o que se aplica tanto ao período de aquisição quanto a outras fases. Referimo-nos às reflexões de Bakhtin e do Círculo (especialmente Bakhtin, 2006; Volóchinov, 2017) e aos autores neles inspirados (como François, 2006, entre outros; Salazar Orvig, 2003, entre outros) para estudar os fenômenos envolvidos na entrada da criança na linguagem. Consideramos que os enunciados são construções projetadas para serem usadas como elos em cadeias de ações cognitivas e comunicativas, e não estruturas fixas e autônomas. A língua/linguagem não é, nesse sentido, um sistema abstrato, pois inclui usos, práticas, ações, atividades e diversos recursos que se (re)configuram para a produção de sentidos, incluindo formas linguísticas, voz, entonação, corpo, gestos etc. Nesta perspectiva, o processo gerativo da linguagem corresponde, primeiramente, à imersão inicial em contextos sociais reais e significativos. Quanto ao processo de aquisição, Salazar Orvig *et al.* (2021) ressaltam a importância da imersão das crianças em atos comunicativos reais, nos quais a produção de sentidos exerce função essencial para a apreensão dos aspectos formais da língua. Trata-se, assim, da negociação na produção de enunciados que permitem aos interlocutores entrarem em acordo sobre os sentidos que pretendem produzir uns com os outros, na interação entre esses interlocutores e entre esses enunciados.

Embora a aquisição morfológica (e a aquisição do morfema de plural em PB e PE, mais especificamente) tenha sido bastante explorada, sobretudo em outras perspectivas teóricas, sua investigação enquanto fenômeno linguístico-discursivo, considerando a presença do *outro* nesta aquisição (como é o caso da investigação sobre andaimagem), ainda é um campo fértil para pesquisas. Por este motivo, consideramos que este estudo tem grande potencial de contribuição, tanto para a área quanto para as discussões teórico-metodológicas em uma perspectiva dialógico-discursiva. A seguir, apresentamos as escolhas metodológicas que nos guiaram na proposta dessas discussões.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, proposta a partir da análise de dados longitudinais coletados em ambiente naturalístico, a partir de um paradigma indiciário (Ginzburg (2003 [1986]), isto é, um modelo epistemológico que elege o “singular” como dado que nos permite flagrar a relação sujeito/linguagem, como apontam Abaurre *et al.*, (2012). A decisão pela análise de dados longitudinais e naturalísticos se dá por razões específicas. A primeira dela é o alinhamento com a perspectiva teórica adotada, que considera o diálogo e a interação como os espaços em que a língua/linguagem se manifesta (Bakhtin, 2006; Volóchinov, 2017; Del Ré; Hilário; Vieira, 2021, entre outros). Além disso, nossa pergunta de pesquisa versa sobre uma possível mudança na fala infantil, o que demanda uma observação contínua, que se realiza ao longo do tempo e não em um momento estático. Por fim, a aparente divergência entre os resultados de análise de processamento e de produção em relação à aquisição do plural nominal nos sugere ser válido olhar com atenção para a produção espontânea da criança e sua relação com a fala do outro, buscando, nessa relação, pistas sobre como a criança entra na linguagem, isto é, nesta “corrente comunicativa ininterrupta” (Volóchinov, 2017).

Os dados analisados (M. 2;01 a 2;11 anos, e A., 1;11 a 2;09) fazem parte do Banco de Dados do grupo NALíngua-CNPq (Del Ré; Hilário; Rodrigues, 2016; Hilário; Moreira; Vieira, 2024), foram transcritos no formato CHAT e tiveram a transcrição sincronizada com o vídeo com o auxílio do *software* CLAN, disponível na plataforma CHILDES (MacWhinney, 2000). Optamos pelo uso do CLAN em pesquisas que envolvem análise de *corpus*, pois ele garante uma transcrição fiel da fala infantil, permitindo análises no contexto original (com acesso a vídeos ou áudios dos enunciados) e oferecendo outras funcionalidades importantes. Além disso, o programa é amplamente utilizado por grupos de pesquisa, tanto nacionais quanto internacionais, com os quais mantemos diálogo.

Os vídeos, que foram registrados em situações de interação cotidianas entre a criança e a mãe, na presença da observadora (refeições, brincadeiras etc.), têm duração média de 1 hora cada. As transcrições contêm uma linha principal (transcrição ortográfica do enunciado de cada um dos participantes da sessão) e linhas adicionais (comentários, linha de ação etc.). Para as análises, os vídeos foram assistidos na íntegra e todos

os enunciados da criança com marca de plural ou elementos de pluralização foram categorizados. Em seguida, foram analisados os enunciados anteriores ou posteriores aos da criança (enunciados da mãe ou de outro adulto, reações da criança, novos enunciados da mãe ou do adulto em resposta a estas reações etc.), buscando identificar as ocorrências de *andaimagem linguageira* (que, como apontam Weck e Salazar Orvig, 2019, incluem tanto a *andaimagem linguística* quanto a *andaimagem da tarefa*). Listamos, assim, possíveis estranhamentos que a produção da criança despertaria no interlocutor e as negociações em torno dessa produção. Apresentamos, na sequência, as análises, com trechos do *corpus* que consideramos significativos para a discussão proposta.

Análises e discussão

Primeiramente, é importante ressaltar que, ao contrário do que seria esperado, os enunciados com marcação de plural do tipo Dsingular+Nplural nem sempre causam estranhamento no interlocutor adulto. Quando não há necessidade de negociação para o sentido, a forma pode não ser alvo de correção, proposta de reformulação ou qualquer outro tipo de andaimagem. No entanto, identificamos, no conjunto de dados, o que Salazar Orvig e De Weck (2013) apontam como “diferentes perfis de mães”³: no *corpus* de A., por exemplo, encontramos mais propostas de correções implícitas feitas pela mãe do que no *corpus* de M.

A seguir, trazemos um excerto com propostas de correção não explícita da mãe em relação ao enunciado de A.

A. 2;03.13⁴

A criança está fazendo tarefa, recortando e colando imagens de um panfleto com a mãe na sala da casa.

- (01) *CHI: a conta # **essa contas** .
- (02) *MOT: ah@i **a conta** aqui ?
- (03) *CHI: é **a con:ta** esse [/] esse ## conta .
- (04) *CHI: **o(u)tra [/] o(u)tra** +...
[...]
- (05) *CHI: (a)cabo(u) **a bolsas** ?
- (06) *MOT: (a)cabo(u) **as bolsas** .
- (07) *CHI: onde (es)tá **outra bolsa** # assim da g(r)ande ?

3 Por restrições de espaço e tendo em vista os limites do estudo que apresentamos neste artigo, não desenvolveremos esse tema. Consideramos, no entanto, que seja algo interessante a ser aprofundado em estudos posteriores.

4 Ver em Hilário (2011) um breve resumo das convenções de transcrição.

Nesse excerto, a proposta de correção da mãe em (02) para a produção da criança em (01) parece ter a adesão da criança em (03) – a criança passa de “essa contas” para “a conta”. Porém, se observarmos a sequência, a criança usa elementos de apoio para a expressão de pluralidade. Assim, o enunciado andaimante da mãe, embora pareça objetivar a correção da *forma*, acaba por desencadear uma negociação de sentidos, na distinção entre singular e plural.

Em outro exemplo de proposta de andaimagem linguística, com foco na forma, observamos um movimento interessante da criança:

A., 2;6.19

A criança conversa com a mãe e com a irmã na sala da casa.

- (08) *MOT: (o) que (vo)cê (es)tava fazendo lá na piscina ?
(09) *CHI: b(r)incando de regador # c(om) **a meninas** .
(10) *MOT: hum@i .
(11) *MOT: e # e c(om) a vovó fazia # piui@o +...
(12) *FAT: piui@i sagui [=! canta] [x2]
(13) *CHI: e **a menina** ta(m)bém c(om) a vovó dela # **a meninas** .
(14) *MOT: é: # **as meninas** também ?

%act: CHI balança a cabeça afirmativamente

O que nos parece interessante nesse excerto é que, antes da correção proposta pelo adulto em (14), a criança realiza uma autocorreção: em (13) ela inicia dizendo “a menina”, no singular, e, logo em seguida, corrige para “a meninas”. Assim, A. faz uma distinção clara entre um sintagma nominal no singular e um sintagma nominal no plural. A produção “a meninas” (Dsingular+Nplural), nesta fala espontânea da criança, diz respeito, portanto, ao plural. A correção da mãe (“as meninas”) parece, assim, apenas reafirmar o sentido coocorrente na fala da criança e do adulto, ainda que a forma não seja coincidente.

Assim como De Weck e Salazar Orvig (2019) observaram, a atividade e o gênero do discurso parecem ser categorias importantes na análise da andaimagem também quando há negociação de sentidos dos enunciados com marca de plural. Isso porque o encadeamento dos enunciados pode produzir opacidade, como é possível notar no exemplo a seguir.

A. 2;02.14

Situação: A. brinca com a irmã e a mãe na sala de casa com um jogo de imagens

(15) *CHI: o(lha) mãe .

%act: mostra para a mãe o jogo que montou com a figura de três gatos dentro de uma mão

(16) *MOT: que lindo # **quantos gatos** tem aí ?

(17) *CHI: dois # três # quatro .

%act: aponta para o jogo enquanto conta

(18) *MOT: quatro gatos ?

(19) *CHI: é .

(20) *SIS: não # é três .

(21) *CHI: não # três quatro ## <é> (>) quatro .

%act: aponta para o jogo enquanto conta

[...]

O “jogo de contar” continua com a manipulação de um coelhinho de pelúcia.

(22) *MOT: que lin:da # **quantas orelhinhas** ele tem ?

(23) *CHI: tem dois # t(r)rê:s # quatro .

%act: aponta para cada uma das orelhas do coelhinho enquanto conta

(24) *MOT: nã:o # conta uma +...

(25) *CHI: uma +...

%act: aponta para uma das orelhas do coelho

(26) *MOT: duas +...

(27) *CHI: duas +...

%act: aponta para a outra orelha do coelho

(28) *MOT: duas orelhas .

(29) *CHI: dua(s) orelhas .

[...]

(30) *MOT: **e boca** ?

(31) *CHI: boca ## falto(u) a boca .

(32) *MOT: num@d tem a boca aí@d do coelho ?

- (33) *CHI: num@d tem .
- (34) *MOT: **quantas bocas** ele tem ?
- (35) *CHI: num@d tem .
- (36) *MOT: nenhuma ?
- (37) *CHI: num@d tem .
- (38) *MOT: ah@i coitado ele num@d pode falar .
- (39) *SIS: ele tem zero bocas .
- (40) *CHI: zero bocas .
- (41) *MOT: zero bocas .
- (42) *MOT: **e a Ana quantas bocas tem ?**
- (43) *CHI: dois três quatro .
- (44) *MOT: <é> [>] ?
- (45) *SIS: <0 [=! ri]> [<] .
- (46) *CHI: é .
- (47) *MOT: conta direito # quantas bocas ?
- (48) *CHI: do::is # três !
- (49) *MOT: uma # uma boca .
- (50) *CHI: uma boca ?
- (51) *MOT: é .
- (52) *CHI: **e a mamãe ?**
- (53) *MOT: uma boca também .
- (54) *CHI: e a táta@f ?
- (55) *SIS: uma boca .
- (56) *MOT: também .
- (57) *CHI: **e a blusas ?**
- %act: CHI aponta para a camiseta da mãe, que tem o desenho de uma menina
- (58) *SIS: 0 [=! ri] .
- (59) *CHI: e a blusa ?
- (60) *MOT: a blusa ?
- (61) *MOT: blusa num@d tem boca .

Vemos, nesse exemplo, que o “formato”⁵ oferece certa estabilidade para a interação entre a criança e seus interlocutores (a mãe e a irmã). Assim, as respostas da criança às perguntas da mãe eram, de certa forma, previsíveis, o que permitiu, também, a troca de papéis entre os interlocutores: se, a princípio, a mãe propõe o jogo de contar, perguntando, em (16), “quantos gatos” há na figura, em (22), “quantas orelhinhas” tem o coelhinho e, em (30) “a boca”, que pode ser glosado como “quantas bocas tem o coelhinho”, a criança assume o lugar que estava sendo ocupado pela mãe ao continuar o jogo, perguntando, em (57), “e a blusas?”. A questão posta por A. provoca o riso da irmã e a criança reformula a pergunta, em (59), para “e a blusa?”. A mãe, ao responder a pergunta feita por A. dizendo que “blusa num tem boca” (61), demonstra que sua interpretação para o enunciado havia sido “quantas bocas tem a blusa”. No entanto, é possível dizer que o enunciado de A. reflete a mudança ocorrida na estrutura do jogo: se antes ele se organizava de modo a contar elementos distintos em um mesmo objeto (“quantas orelhas tem o coelho”, “quantas bocas tem o coelho”), passa a se organizar de modo a contar um mesmo elemento em lugares distintos (“e a A., quantas bocas?”, “e a mamãe, quantas bocas?”. A questão por ela formulada poderia ser interpretada tanto como “quantas bocas tem a blusa?” quanto “quantas blusas tem o coelho?”.

Esse exemplo, a nosso ver, mostra a relação estreita entre a andaimagem da tarefa e a andaimagem linguística e a dificuldade metodológica em distingui-las completamente: se, por um lado, os enunciados andaimantes da mãe e da irmã têm como objetivo auxiliar a criança na tarefa de “contar” para participar do jogo proposto, esses enunciados também desencadeiam uma negociação quanto aos sentidos produzidos no discurso – fruto da não coincidência dos referentes, dos objetos do discurso.

Podemos, ainda, citar diversos exemplos de produção da criança que poderiam desencadear, na fala da mãe, uma proposta de correção, sem que isso aconteça.

M. 2;02

A criança e a mãe estão brincando no quarto com um jogo de montar

- (62) *MOT: monta aí !
- (63) *CHI: e agora ?
- (64) *MOT: e agora ?
- (65) *MOT: hum@i ?
- (66) *CHI: e o o(u)t(r)o joguinho hein@i ?
- (67) *MOT: qual ?
- (68) *CHI: **o o(u)t(r)o joguinhos .**

⁵ Ver Bruner (1984).

(69) *MOT: olha aqui

M. 2;05

A criança e a mãe estão no quarto, desenhando e conversando

(70) *MOT: o Mel +...

(71) *MOT: olha aqui .

(72) *MOT: vai compra(r) o home+theater ou vai compra(r) o presente do dia das mães?

(73) *CHI: vo(u) compra(r) o # **o presente do dia da mães** !

(74) *MOT: seu pai queria compra(r) o home+theater # n(ão) é ?

M. 2;10

A criança está com a mãe na sala da casa, folheando um livro, e apontando para as figuras.

(75) *CHI: a lua é linda né ?

(76) *MOT: linda # maravilhosa .

(77) *CHI: olha aqui **a e(s)t(r)elas** .

(78) *MOT: muito linda .

(79) *CHI: é .

Vemos que, nesses casos em que há coincidência em relação ao referente (não é necessário que mãe e criança negociem a forma para se referirem a algo no singular ou no plural), o fluxo da interação segue sem que haja necessidade de enunciados andaimantes propostos pela mãe. No entanto, algo interessante acontece quando há necessidade de negociação, como podemos ver a seguir:

M. 2;03

A mãe está dando de comer à criança

(80) *MOT: de quem que é esse chinelo aí ?

%act: MOT mexe na comida que está no prato enquanto CHI olha para os pés e põe a mão nos chinelos que está calçando

(81) *CHI: é da Mel .

(82) *MOT: é ?

(83) *MOT: do que que é ?

%act: MOT aponta para o chinelo no pé de CHI

(84) *CHI: <é de Bob> [>] +/.

(85) *MOT: <quem que é esse desenho> [<] ?

- (86) *CHI: é **o Bob_E(s)ponjas** .
- (87) *MOT: é **o Bob Esponja** ?
- (88) *CHI: xx [=! afirmativamente] .
- (89) *MOT: é o olhinho do Bob ?
- (90) *CHI: é olhinho !
- (91) *MOT: olha só !
- (92) *MOT: que(r) carinha ?
%act: MOT oferece comida para CHI
- (93) *CHI: o(lha) .
%act: CHI mostra o chinelo para MOT
- (94) *MOT: olha que lindo !
%act: CHI começa a tirar o chinelo com as mãos
- (95) *CHI: ve(ja) .
- (96) *CHI: olha .
%act: CHI segura um chinelo com as duas mãos
- (97) *CHI: yy !
- (98) *MOT: xx [=! suspira] .
- (99) *MOT: olha o Bob (es)tava escondido !
%act: MOT oferece comida para CHI
- (100) *MOT: carinha .
%act: MOT leva comida com um garfo até a boca de CHI
- (101) *CHI: (vo)cê <num [: não] que(r)> [?] ve(r) **o(u)t(r)o** ?
%act: CHI segura os dois chinelos com as mãos
- (102) *MOT: **<o(u)tro> [>] Bob** ?
- (103) *CHI: <(es)tá> [<] +/.
- (104) *CHI: (es)tá (es)condido !
- (105) *MOT: **dois Bob Esponja** .

Consideramos esse exemplo particularmente interessante por mostrar não o deslocamento provocado pelo enunciado andaimante da mãe, que corrige o nome do desenho – de “Bob E(s)ponjas”, produzido por M. em (86) para “Bob Esponja”, produzido pela mãe em (87) –, mas o deslocamento na fala da mãe provocado pelo elemento de

apoio (“outro”) trazido pela criança em (101). A mãe adere à proposta da criança ao dizer “outro Bob” em (102) e depois “dois Bob Esponja” em (105). Nesse caso, mãe e criança negociam o referente, isto é, o objeto do discurso sobre o qual falam: para a mãe, o personagem chamado “Bob Esponja”; para a criança, as duas figuras que aparecem sobre o par de chinelos que ela está calçando, ou seja, o “Bob Esponjas” (um e outro, dois...).

Poderíamos citar outros contextos em que andaimagem linguística e andaimagem da tarefa produzem *movimento* na fala da criança e da mãe enquanto negociam os sentidos dos enunciados com marca de plural. Porém, em razão dos limites deste artigo e do objetivo proposto, consideramos que os exemplos que trouxemos são suficientemente relevantes.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa qualitativa na qual discutimos o papel da andaimagem na (co)construção de sentidos dos enunciados com marca de plural nominal na interação entre mãe e criança em contexto de aquisição do português do Brasil (PB). Com base em dados longitudinais e naturalísticos de duas crianças brasileiras em fase de aquisição da linguagem (M. 2;01 a 2;11 anos, e A., 1;11 a 2;09) e partindo de uma perspectiva dialógico-discursiva (Bakhtin, 2006; Volóchinov, 2017; Del Ré; Hilário; Vieira, 2021; entre outros), investigamos o papel da andaimagem na (co)construção de sentidos dos enunciados com marca de plural nominal (ou elementos que carreguem consigo um sentido de pluralização no discurso), analisando os deslocamentos na fala da criança e do adulto, bem como os enunciados andaimantes implicados na negociação desses sentidos. Para isso, baseamo-nos no conceito de andaimagem proposto por Bruner (2011) e também nos conceitos de *andaimagem de tarefa* e a *andaimagem linguística* propostos por De Weck e Salazar Orvig (2019).

As análises mostraram, primeiramente, que, ao contrário do que seria esperado, os enunciados com marcação de plural do tipo Dsingular+Nplural nem sempre causam estranhamento no interlocutor adulto. Quando não há necessidade de negociação de sentido, em geral, a forma não é alvo de correção, proposta de reformulação ou qualquer outro tipo de andaimagem. Pelo contrário: quando há coincidência em relação ao referente, o fluxo da interação segue sem que haja necessidade de enunciados andaimantes propostos pela mãe.

Os dados mostram, ainda, que o adulto desempenha um papel fundamental na (co) construção dos sentidos das unidades com marca de plural nominal no diálogo. Quando o foco é na atividade, nem mesmo as construções do tipo Dsingular+Nplural, que poderiam provocar certo estranhamento no adulto, fazem com que a mãe corrija a criança ou reformule sua fala. As propostas de reformulação acontecem, de fato, quando criança e

interlocutor adulto negociam o referente (sobre o que estão falando) ou quando o adulto põe foco unicamente sobre a forma.

Além disso, os deslocamentos acontecem não só na fala da criança, que adere à correção ou reformula sua fala, mas também na fala da mãe, que diante de elementos de apoio trazidos pela criança (outro, dois...), reformula sua fala (como vimos em “o Bob” – “dois Bob”). Considerando essas produções da criança, é possível dizer que ela, desde muito cedo, negocia sentidos para as unidades da língua no discurso, inclusive para as que possuem marca de plural.

Conclui-se, portanto, que a andaimagem desempenha um papel fundamental na (co) construção dos sentidos dos enunciados com marca de plural nominal, na aquisição do PB, pois configura-se como um processo interacional, sensível às condições discursivas e situado no contexto da atividade, que se organiza em função da negociação do referente e não exclusivamente da adequação formal das produções infantis. A andaimagem manifesta-se tanto por meio de intervenções linguísticas quanto pela sustentação da tarefa em curso, promovendo deslocamentos na fala da criança e do adulto, os quais evidenciam a natureza dialógica da aquisição. Nesse processo, o adulto atua como interlocutor que orienta, interpreta e, também, reformula a sua própria fala a partir dos elementos de apoio trazidos pela criança, negociando sentidos de forma compartilhada.

Referências

ABAURRE, M. B. N.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L.; GERALDI, J. W. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 25, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639237>. Acesso em: 20 set. 2024.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 261-306.

BRUNER, J. *Le développement de l'enfant: savoir faire, savoir dire*. Paris: PUF, 2011.

BRUNER, J. Contexts and formats. In: MOSCATO, M.; PIRAUT-LE BONNIEC, G. (ed.). *Le langage: construction et actualisation*. Rouen: Publications de la Universit. de Rouen, 1984. p. 69-79.

CASTRO, A. Aquisição de morfologia de plural em português europeu: sobre a produtividade das regras. In: XXV *Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos Seleccionados*, Porto, APL, 2010. p. 277-289.

CASTRO, A. O processamento da concordância de número interna ao DP por crianças de 2 anos falantes de português europeu. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. A. (ed.). *XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*; Textos Seleccionados. Lisboa: Colibri, 2007. p. 211-221.

CASTRO, A.; FERRARI-NETO, J. Um estudo contrastivo do PE e do PB com relação à identificação da informação de número no DP. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 65-76, mar. 2007.

DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; VIEIRA, A. J. A linguagem da criança na concepção dialógico-discursiva: retrospectiva e desafios teórico-metodológicos para o campo de Aquisição da Linguagem. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 16, n. 1, p. 12-38, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457348071>. Acesso em: 03 fev. 2026.

DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; RODRIGUES, R. A. O Corpus NALingua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. *Revista Artefactum - Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*. ANO VIII - Nº 02/2016. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1363/667>. Acesso em: 20 out. 2020.

DE WECK, G.; SALAZAR ORVIG, A. The contribution of corpus studies to the analysis of scaffolding. *Corpus* 19, 2019.

FERRARI-NETO, J. Interfaces na aquisição da linguagem: informação fônica e semântica na aquisição do sistema de número gramatical em português brasileiro. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 35 n. 59, p. 75-91, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em: 30 set. 2015.

FERRARI-NETO, J. *Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FERRARI-NETO, J.; CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A. O processamento da informação de interface na aquisição do sistema de número gramatical no DP em Português Brasileiro. In: *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, p. 1075-1082, 2005.

FRANÇOIS, F. O que nos indica a “linguagem da criança”: algumas considerações sobre a “linguagem”. Tradução Guacira Marcondes Machado Leite. In: DEL RÉ, A. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

GINZBURG, C. Sinais – Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [1986].

HILÁRIO, R. N. O plural nominal na fala de criança: um paralelo entre o PB e o PE. Anais do XXXV ENANPOLL, online, 2020a. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0192-1.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

HILÁRIO, R. N. Aquisição e multimodalidade: relações entre a produção linguística e o gesto de apontar na aquisição do plural nominal. In: DEL RÉ, A.; FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B.; NÓBREGA, P. V. A. (Org.). *Olhares diversos NALíngua(gem) da criança*. 1ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020b. p. 88-102.

HILÁRIO, R. N. *Um olhar sobre a aquisição do plural nominal em crianças*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2013.

HILÁRIO, R. N. Contribuições do Círculo de Bakhtin para os estudos em Aquisição de Linguagem. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 40 (2), p. 567-580, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1318>. Acesso em: 29 out. 2023.

HILÁRIO, R. N.; DEL RÉ, A. A produção do plural nominal por uma criança portuguesa sob o viés dialógico-discursivo. In: DIEDRICH, M. S.; OLIVEIRA, G. F.; DEL RÉ, A. (Orgs). *Língua, discurso e suas relações na Aquisição da Linguagem*. São Carlos: Editora Pedro e João, 2023. p. 126-146.

HILÁRIO, R. N.; MOREIRA, F. M.; VIEIRA, A. J. Os grupos NALíngua (CNPq) e GEALin (UNESP/FCL-AR) e as pesquisas em Aquisição da Linguagem no Sul Global: um relato de experiências. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 599-623, 2024. DOI: 10.25189/rabralin.v23i2.2217. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2217>. Acesso em: 27 fev. 2025.

HILÁRIO, R. N.; ROMERO, M. A aquisição do plural nominal por uma criança monolíngue do português do Brasil: o papel enunciativo do plural entre língua-linguagem-discurso. In: SILVA, C. L. C.; DEL RÉ, A.; CAVALCANTE, M. C. B. (Org.). *A criança na/com a linguagem: saberes em contraponto*. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2017. p. 129-148.

LOPES, R. E. V. Estágios no processo de aquisição de número no DP do português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 3, 2004.

MACWHINNEY, B. *The CHILDES Project: Tools for analyzing talk*. Third Edition. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

REIS, M. M. *Aquisição da variação e mudanças na(s) gramática(s) das crianças: um olhar sobre a Concordância Variável no PB*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/345107>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SALAZAR-ORVIG, A. Eléments pour l'analyse de la connivence dans le dialogue. In: BONDI, M.; STATI, M. (ed.). *Dialogue Analysis 2000*, Selected papers from the 10th IADA Anniversary Conference. Bologna 2000, Tübingen: Niemeyer, 2003. p. 339-350.

SALAZAR ORVIG, A.; DE WECK, G. Profils de mères et implications des enfants dans la co-construction de récits. *ANAE*, v. 124, n. 5, p. 269-278, 2013.

SALAZAR-ORVIG, A.; DE WECK, G.; HASSAN, R. As implicações de uma abordagem dialógica para a aquisição de linguagem: o exemplo de uma pesquisa sobre a aquisição de expressões referenciais. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 16, p. 155-180, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/ZNCt-qYWhXFgZNHJ9TRjKrcp/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SIMIONI, L. *A aquisição da concordância nominal de número no português brasileiro: um parâmetro para a concordância nominal*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólva Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WOOD, D.; BRUNER, J.; ROSS, G. The Role of Tutoring in Problem Solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 17, p. 89-100, 1976.